

# Redes de solidariedade e interseccionalidades na literatura e gênero

DAVI SILISTINO DE SOUZA\*  
CLÁUDIA MARIA CENEVIVA NIGRO\*\*  
FERNANDO LUÍS DE MORAIS\*\*\*  
FLÁVIA ANDREA RODRIGUES BENFATTI\*\*\*\*  
LEANDRO PASSOS\*\*\*\*\*  
LUIZ HENRIQUE SOARES\*\*\*\*\*

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar a importância das diferentes formas de rede de solidariedade e de interseccionalidade para a abordagem feminista nacional e para os estudos de gênero contemporâneos. Compreendemos que as críticas provenientes desses estudos buscam questionar o papel de personagens consideradas subalternas pela tradição patriarcal ocidental, logrando voz e espaço na produção de escritores subalternos. Nossa ênfase crítica, entretanto, firma-se principalmente nos estudos de gênero, por apresentarem mais abertura para a união e o estabelecimento de ajuda mútua com outras “minorias” (LGBTQI+, mulheres e homens de etnias diversas, entre outros). Expande-se, assim, neste trabalho, a concepção de redes de solidariedade dentro dos estudos de gênero, a fim de rever as *heterarquias coloniais*, pelas quais as ideologias racistas, machistas, homofóbicas, segregacionistas, entre outras, são perpetuadas. Os esforços de pesquisadoras e escritoras contemporâneas fazendo uso de redes de solidariedade e do conceito de interseccionalidade contribuem para a expansão do conhecimento e do respeito ao outro, demonstrada por ocasiões de enfrentamento e manifestações de subalternos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contemporaneidade; Estudos de gênero; Interseccionalidade; Judith Butler; Kimberlé Crenshaw; Literatura; Rede de solidariedade.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the importance of the different forms of networks of solidarity and intersectionality for the national feminist approach and for contemporary gender studies. We understand that the criticisms from these studies seek to question the role of characters considered subaltern by the Western patriarchal tradition, achieving voice and space in the production of subaltern writers. Our critical emphasis, however, rests mainly on gender studies, as they present more openness to union and the establishment of mutual aid with other “minorities” (LGBTQI+, women and men of different ethnicities, among others). Thus, in this work, the conception of networks of solidarity within gender studies is discussed, in order to review the colonial heterarchies, through which racist, sexist, homophobic, segregationist ideologies, among others, are perpetuated. The efforts of contemporary researchers and writers presenting networks of solidarity and the concept of intersectionality contribute to the expansion of knowledge and respect for others, demonstrated through moments of confrontation and manifestations of subalterns.

**KEYWORDS:** Contemporaneity; Gender Studies; Intersectionality; Judith Butler; Kimberlé Crenshaw; Literature; Network of Solidarity.

---

\* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/SJRP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: dsilistino@gmail.com

\*\* Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/SJRP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: cmc.nigro@unesp.br

\*\*\* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/SJRP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: dmorays\_2@hotmail.com

\*\*\*\* Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) – Universidade Federal de Uberlândia – 38408-100 – Uberlândia – MG – Brasil. E-mail: flavia.benfatti@ufu.br

\*\*\*\*\* Pós-doutorando em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/SJRP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP. Professor EBTT do IFMS – *Campus Três Lagoas* – Três Lagoas – MS – Brasil. E-mail: leandro.passos@ifms.edu.br

\*\*\*\*\* Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/SJRP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: luizhsoares83@gmail.com

Este artigo, elaborado a partir dos conceitos de rede de solidariedade e de interseccionalidade, é desenvolvido por integrantes do grupo de pesquisa Gênero e Raça (CNPQ), liderado pela Profa. Dra. Cláudia Maria Ceneviva Nigro. Dessa maneira, a presença de participantes de grupos subalternos como mulheres, negr@s e LGBTQI+ anuncia-se de modo a representar a ideia de redes. Escrevemos nosso artigo em rede.

É perceptível, na atualidade, o aumento da liberdade de expressão e a expansão dos direitos das chamadas minorias em sociedades ocidentais. Há de se notar também a existência de repressão intensa, injustiças e ódio aos grupos subalternos, antes ignorados. Embora de trajetória árdua e antiga, o embate de mulheres, negr@s, LGBTQI+ e outros, ainda se faz necessário, sobretudo no contexto nacional<sup>1</sup>.

Frente a essa contextualização, uma das possíveis estratégias de enfrentamento ao cerceamento de direitos e liberdade d@s não hegemônic@s engendra-se por meio do ajuntamento de iguais e de diversos. De fato, o processo de subalternização propicia a agregação de pessoas vivenciando situações semelhantes e criando, conseqüentemente, políticas em conjunto a favor da igualdade social. Em virtude da amplitude e complexidade das novas manifestações da união de grupos subalternos, buscaremos explorar as distinções e semelhanças entre a recente proposta de redes de solidariedade, provinda de pesquisadoras como Butler (2015) e Davis (2017), e a propositura oferecida pelos movimentos subalternos, como, por exemplo, o movimento feminista.

O conceito por detrás das redes de solidariedade está relacionado ao enfrentamento, *em conjunto*, das forças opressoras e injustas que buscam eliminar o poder desses grupos. Butler (2015), em seus escritos, coloca o ser humano em primeiro plano, independentemente de qualquer rotulação a ele atribuída na sociedade em que está inserido. Para a filósofa e professora de literatura da Universidade de Berkeley, é necessário o ativismo político a fim de criarmos uma rede de solidariedade e, assim, eliminar diferenças que hierarquizem a sociedade. Butler sabe empreender à literatura essa prática.

O argumento dessas redes de solidariedade está centrado em formas de colaboração, com a oferta de novas possibilidades de vida àquel@s cujos direitos foram reduzidos ou, muitas vezes, subtraídos. Na grande rede, esses indivíduos se encontram incluídos, contribuindo de forma equitativa nas demandas pela inserção e igualdade de direitos. Partindo do princípio de somatória das forças, Butler defende a discussão de questões contemporâneas relacionadas a desigualdades sociais, à pobreza e à violência, perpassando necessariamente por problemáticas de raça e gênero. Esses debates se manifestam em diversas plataformas, dentre as quais se destacam a arte e a literatura.

No que tange à presença de redes na literatura, é possível notar prenúncios de seu surgimento em romances como *The Front Runner*, de Patricia Nell Warren. A obra é o primeiro livro de ficção gay, parte da lista de *best-sellers* americanos, no qual a autora trata

---

<sup>1</sup> Não podemos nos esquecer do fato de que o Brasil é um dos países com uma das maiores Paradas do Orgulho LGBT; no entanto, ao mesmo tempo, é campeão nas estatísticas de assassinato desse grupo. Cf: Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo, confirma relatório. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/03/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-lgbts-no-mundo-confirma-relatorio>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

da questão da aceitação do casal homossexual na sociedade tradicional na década de 1970, quando o assunto ainda era considerado tabu. Faz-se viável observar, por parte de Warren, um movimento a favor da criação das redes, visto ser a solidariedade um conceito cultivado pelas personagens de Prescott College, como pode ser observado em

Em função do intenso trabalho de Vince e Billy, o programa de estudos gays se transformou em serviço de aconselhamento, o primeiro do tipo em um campus americano. Em 1971 e 1972, alguns pequenos programas como esse surgiram em grandes universidades bem como “bares gays”, tolerados pela administração, onde jovens gays podiam se encontrar, conversar e ser eles mesmos. Nosso programa em Prescott, contudo, era algo único, surgido do atletismo (WARREN, 1996, p. 194, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Ao criar possibilidades, por meio dos grupos de estudos gays, para o fortalecimento social da comunidade homossexual, Warren mostra a importância de apoiarmos a causa. Com o intuito de ouvir o dizer desses indivíduos, podemos perceber muita coisa a ser mudada, muitas vidas a serem salvas.

A união representada no romance é amplificada e aprofundada pela fala de Angela Davis durante a conferência “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo”, realizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2017. No evento, a pensadora menciona a Marcha das Mulheres em Washington como marco de união de solidariedade:

A Marcha das Mulheres em Washington foi liderada por mulheres negras, latinas, asiáticas, indígenas, muçulmanas, e também mulheres brancas. Encontramo-nos em Washington, por todo o mundo e todos os países, para dizer que resistiremos. Em todos os dias da presidência de Trump, nós resistiremos. Nós resistiremos ao racismo, à exploração capitalista, ao hetero patriarcado. Nós resistiremos ao preconceito contra o Islã, ao preconceito contra as pessoas com deficiência. Nós defenderemos o meio ambiente contra os insistentes ataques predatórios do capital (DAVIS, 2017).

Semelhante à Marcha das Vadias (2011-2012) e à manifestação do #EleNão (2018), o movimento referido serve para elucidar a força da união entre @s considerad@s dissidentes. Mais do que isso, revela-nos ser possível a união e a resistência, em meio a diferenças culturais, étnico-raciais, sexuais etc.

É viável compreender, no entanto, que a proposta de redes de solidariedade não se encontra restrita ao mesmo modelo ambientado nos contextos dos movimentos feministas em sua origem. Vemos, ao contrário, as redes como um desenvolvimento natural, isto é, como um exemplar aperfeiçoado e ampliado desses movimentos.

---

<sup>2</sup> No original: “With Vince and Billy working on it, the gay studies program grew into a counseling service that was the first of its kind on an American campus. Back in 1971 and 1972, a few tiny programs like this had sprung up at big universities, as well as administration-condoned “gay lounges” where the gay kids could meet, talk and be themselves. But our program at Prescott was something unique, and it grew out of athletics” (WARREN, 1996, p. 194).

A perspectiva vigente trazida pela rede de solidariedade engloba a compreensão contemporânea de gênero, pautada e construída sob as bases de reflexões, das pesquisas e da escrita de cunho feminista. De acordo com Nigro (2017), antes mesmo dos famosos textos de Beauvoir, o lugar e a luta por direitos da mulher já vinham sendo tratados por escritoras como Virginia Woolf e Jane Austen. Com efeito, embora Mary-Catherine Harrison (2014), professora da universidade de Detroit, EUA, aponte o fato de os romances ocidentais do século XVIII e XIX serem moldados pelo *marriage plot*<sup>3</sup>, a representação da mulher na obra de Jane Austen se mostra complexa e importante para o século XIX podendo ser, sem dúvida, considerada como modelo, ainda que precursor, para o debate feminista e de gênero.

Além disso, Nigro sustenta que, mesmo contemporâneos a Beauvoir, “[...] Lacan, Kristeva, entre outr@s, discorrem sobre o assunto, sempre se tomando em conta a masculinidade e a feminilidade, mas não o gênero como culturalmente dado” (NIGRO, 2017, p. 124). Assim, a discussão de gênero nos prelúdios do feminismo é ambientada em um contexto ainda binário. Susana Funck nos auxilia a perceber que o movimento feminista carrega tentativas de

[...] [denúncias ao] teor masculino da produção intelectual e [propostas de] um revisionismo que propiciasse a visibilidade da mulher na cultura e na sociedade. Bastante essencialista, uma vez que pensava em termos de uma categoria uniforme de mulher em oposição a homem [...] (FUNCK, 2016, p. 323).

E, de fato, esse discurso se instituiu ímpar para que, por meio das lutas feministas, muitos direitos fossem adquiridos. Hoje, o feminismo alcançou um lugar de destaque na cultura contemporânea, já que a voz da mulher tem sido uma marca insistente em busca de reconhecimento. A escrita deixa de ser falocêntrica e nomes importantes começam a “surgir” na contemporaneidade: Conceição Evaristo, Luisa Geisler, Veronica Stigger, Jarid Arraes, Miriam Alves, Maria Valéria Rezende entre outras.

Algumas ressalvas cabem aqui. Não se pode ignorar o baixo número de mulheres ganhadoras do prêmio Jabuti – a mais famosa premiação literária nacional –, nem esquecer a recente decisão de não considerar Conceição Evaristo integrante da Academia Brasileira de Letras. Esses fatos servem para realçar a falta da equidade quando o assunto incorre na interseccionalidade.

Para compreender o movimento feminista, devemos nos atentar ao fato de ser ele regido em concepções de gênero ainda de teor dual:

*Gênero surge com a crítica marxista-materialista. Conforme o feminismo marxista, o gênero não existe fora de um contexto ideológico [...] [é] parte de um processo de construção social e cultural. Além disso, o gênero trata não apenas de uma questão de diferença, que pressupõe simetria, mas de uma questão de poder, em que nos deparamos com a assimetria e desigualdade, com a dominação do feminino pelo masculino (FUNCK, 2016, p. 150).*

---

<sup>3</sup> Histórias de amor e cortesia culminando em casamento.

Percebe-se, nessa definição, uma ênfase nas diferenças entre mulher e homem. Tratando desse pensamento binário, a autora e ativista Riki Wilchins, em seu livro *Queer Theory, Gender Theory* (2004), afirma ser esse tipo de divisão uma tendência manifesta e persistente no pensamento da civilização ocidental, privilegiando-se, assim, a polarização. Nesse sentido, o descarte de tudo aquilo que não se enquadra em nenhuma das extremidades é um efeito inevitável. Nas palavras da própria autora, temos:

O pensamento ocidental tende a dispor qualquer diferença em metades opostas que, entre si, esgotam todos os significados. Os binarismos encaram o mundo como uma pizza, na qual é permitido fazer um único corte. Qualquer coisa que não se ajuste a uma das duas metades é perdida, espremida. Porém, quando a questão é o gênero, é justamente esse espaço no entremeio – de binarismos conhecidos como masculino/feminino, homem/mulher, ativo/passivo, masculinizada/feminilizada e real/artificial – que queremos analisar, reivindicar e defender (WILCHINS, 2004, p. 40 – tradução nossa).

Ainda que na contemporaneidade o rumo do feminismo esteja ligado a concepções mais amplas e abertas, o movimento se caracteriza por um aspecto tradicional de união, na qual há uma necessidade de combate à oposição. Baseado nesses ideais, concebe-se um conceito de irmandade, por meio de um ponto de vista restrito de união:

Mas, as mulheres, onde estão? E, quando se fala em mulher, o foco é em mulheres isso ou aquilo (negras, indígenas, de terceiro mundo, das diásporas...). [...] sinto falta de uma visão de ‘mulheridade’ mais ampla, daquela ‘sisterhood’ [...] (FUNCK, 2016, p. 332).

Para Funck, o rumo da mobilização feminista deveria ser o da proposta de irmandade, na qual se enfrentaria, talvez mais diretamente, as questões feministas de modo geral. Williams e Chau (2007), no entanto, problematizam essa ideia. Apesar de considerarem essa concepção poderosa e importante, defendem a necessidade de se perguntar se os efeitos dessa irmandade vão além da abrangência de mulheres brancas, euro-americanas e de classe média ou superior. Será que as demandas das mulheres negras, por exemplo, têm espaço? Ou será que essas questões são desprezadas no movimento?

De acordo com as referidas autoras, as mulheres discriminadas étnico-racialmente não se sentem representadas pelo movimento feminista. Assim, “Desencantadas e frustradas pelas tentativas repetidas e sem êxito de tornar nossa luta parte das lutas delas, algumas defendem irmandades separadas, baseadas na união racial (por exemplo, o Feminismo Negro)” (WILLIAMS; CHAU, 2007, p. 285)<sup>4</sup>. Acrescentaríamos a união baseada no conceito de acolhimento, no qual os homens, por exemplo, são convidados a participar do feminismo negro. Sem que eles estejam envolvidos, a sociedade não muda. Destarte, a falta de representatividade nos grupos subalternos favorece a criação de rachaduras e enfraquecimentos na resistência.

<sup>4</sup> Tradução nossa do excerto: “*Disenchanted and frustrated by repeated, unsuccessful attempts to make our struggles part of their struggles, some advocate for separate sisterhoods, based on racial alliances (e.g., Black Feminism)*” (WILLIAMS; CHAU, 2007, p. 285).

Na atualidade, tais questionamentos não se encerram no movimento feminista. Pode-se notar a necessidade da união de pautas no contexto LGBTQI+. Não são raras as críticas ao movimento quando estes relevam questões sociais ou relacionadas à raça/etnia, como foi o caso em que RuPaul Andre Charles, ator, *drag queen*, modelo, autor e cantor negro norte-americano, recebeu reprimendas de participantes do *RuPaul's Drag Race* pela falta de posicionamento acerca do crescente movimento *Black Lives Matter*.<sup>5</sup> São, de fato, indissociáveis as categorias gênero e raça, na medida em que um discurso particular preconceituoso perpassa ambas as heterarquias.

A indissociabilidade das categorias de subalternização traz à baila o aspecto interseccional da concepção das redes. Embora as ideias que sustentam a noção de interseccionalidade já tivessem tomado corpo muito antes da década de 90, o termo é cunhado pela advogada e estudiosa Kimberlé Crenshaw apenas em 1991, em seu célebre artigo “Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color”. Ao tratar especificamente da violência contra mulheres afro-americanas, admite que

[...] considero como as experiências das mulheres negras são frequentemente o produto de padrões de racismo e sexismo que se cruzam, e como essas experiências tendem a não ser representadas nos discursos do feminismo ou do antirracismo. Devido à identidade interseccional que pesa sobre elas, por serem mulheres e negras dentro de discursos moldados para responder a apenas uma dessas identidades, essas mulheres são marginalizadas dentro de ambos os discursos (CRENSHAW, 1995, p. 358 – tradução nossa).

Crenshaw evidencia, por meio da interseccionalidade, o modo como os indivíduos são afetados mais intensamente na medida em que fenômenos de subalternização ocorrem de forma conjunta, como no exemplo da mulher negra (gênero + raça/etnia). A seriedade da questão se intensifica na medida em que analisamos a interseccionalidade no contexto da mulher negra trans, a qual se vê perpassada por ainda mais linhas de interseccionalidade (gênero + raça/etnia + identidade de gênero).

Além do aspecto da interseccionalidade, a concepção de rede se vê sustentada também em uma definição de gênero mais plural. Butler (2015) revela essa noção de gênero desconstruindo pensamentos tradicionais relacionados a sexo e gênero, isto é, revisando categorias sexuais de identidade de gênero. A dualidade é rompida logo ao tratar das diferenças de sexo, de acordo com Butler (2015), não vendo motivos “[...] para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (p. 26).

É inclusive interessante refletir, no contexto brasileiro, sobre a aversão à discussão de gênero, ou, como algum@s preferem chamar, “ideologia de gênero”. Grupos minoritários nacionais, apoiados e financiados por líderes/instituições religiosos, distorcem o papel ideológico e crítico do feminismo, desconsiderando uma discussão analítica acerca dos

---

<sup>5</sup> A esse respeito, consultar: <https://draglicious.com.br/2018/06/23/carta-publica-de-tyra-sanchez-para-rupaul-expondo-a-indiferenca-de-ru-e-o-racismo-em-drag-race-e-do-fandom/>.

problemas sociais. O posicionamento de contrariedade e recusa do debate pela bancada político-religiosa no cenário atual expõe não somente um atraso em relação aos outros países, mas também a possibilidade de um retardamento na informação e constituição da sociedade brasileira, repleta de práticas opressoras (machismo, racismo, LGBTQI+fobia, entre outr@s).

É possível notar como o pensamento da LGBTQI+fobia está intrincado nas relações sociais, por meio de um excerto do poema “Kaleidoscope”, de Don Charles, presente na seção “Rings on Gloved Fingers”, que compõe a coletânea *Here to Dare: 10 Gay Black Poets*, editada por Assotto Saint:

## I

Figura do desapontamento. Cor da rejeição.  
Aos olhos do meu pai,  
Sou o filho do qual ele não se orgulha.  
Um santinho, educado demais para dizer palavrões.  
Um garotinho agarrado à barra da saia da mãe.  
Um impostor que se parece com um homem, mas não é.  
Gire o caleidoscópio,  
e a imagem muda.

## II

Figura do nojo. Cor da repulsa.  
Aos olhos da minha mãe,  
Sou o filho do qual ela sente vergonha.  
Um estranho que compra revistas gays.  
Um perverso que copula com seu próprio gênero.  
Um risco para a saúde do qual ela receia contrair AIDS.  
Gire o caleidoscópio,  
E a imagem muda.  
(CHARLES, 1992, p. 140 – tradução nossa).<sup>6</sup>

Nesse excerto do poema, a revelação do ponto de vista de Don Charles tem especial significação à luz das discriminações enfrentadas por indivíduos cuja identidade de gênero é dissidente. Vemos a forte presença da marginalização e da homofobia dentro do seio familiar. Desse modo, o olhar dos pais é introjetado de preconceitos sociais, frutos de um discurso moral sustentando em preceitos heteronormativos, como explicitado em “*I’m the son he’s not proud of*” (Sou o filho do qual ele não se orgulha.) ou então “*I’m the son she’s ashamed of*” (Sou o filho do qual ela sente vergonha.).

---

<sup>6</sup> I/ *Shape of disappointment. Color of rejection. / In my father’s eyes, / I’m the son he’s not proud of. / A goody-two-shoes, too nice to say curse words. / A mama’s boy, tied up tight in apron strings. / An impostor who looks like a man, but isn’t. / Turn the kaleidoscope, / and the image changes. // II / Shape of disgust. Color of revulsion. / In my mother’s eyes, / I’m the son she’s ashamed of. / A stranger who buys gay magazines. / A pervert who couples with his own gender. / A health risk she’s afraid of getting AIDS from. / Turn the kaleidoscope, / And the image changes.*

Notamos como os padrões heteronormativos determinam drasticamente a construção das masculinidades e das feminilidades. Assim, “*A goody-two-shoes, too nice to say curse words*” (Um santinho, educado demais para dizer palavrões) ou “*A mama’s boy, tied up tight in apron strings*” (Um garotinho agarrado à barra da saia da mãe) têm a masculinidade comprometida em razão das construções sociais que controlam e pesam sobre esses corpos e comportamentos.

Percebe-se, ademais, uma necessidade de combater preconceitos arraigados no imaginário social. Grupos socialmente discriminados e marginalizados podem encontrar na proposta de redes de solidariedade um refúgio, onde há a recepção e o acolhimento de tod@s, algum@s inclusive temendo pela própria vida.

Dessa forma, as redes sustentam a percepção de que conceitos de feminilidades e masculinidades não podem mais permanecer presos a dualidades, ainda mais levando em consideração outras hierarquias de poder e outros contextos históricos e culturais presentes nas sociedades: tudo se faz como uma questão de escolha e de reivindicação de posições. Embora ainda existam o preconceito, a LGBTQI+fobia e a heteronormatividade sexista, a abertura da conceituação de sexo e de gênero permite que relações desconsideradas anteriormente aconteçam, desconstruindo a heterossexualidade compulsória. Como discute Butler:

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER, 2015, p. 22).

Assim, há um movimento de desconstrução do binômio sexo/gênero e, conseqüentemente, da biologia/cultura em prol desses conceitos de sexo e de gênero. Conforme afirma Wittig:

[...] o feminismo no século passado nunca poderia resolver contradições sobre o tema da natureza/cultura, mulher/sociedade. As mulheres, em rede, começaram a combater as contradições para benefício próprio e é seguro que compartilhavam características comuns, como resultado de opressão (WITTIG, 1993, p. 105-106 – tradução nossa).

A união sustentada na proposta de rede de solidariedade se afasta de noções duais e separatistas, de modo que a mulher se fortalece por meio de um agrupamento mais amplo.

Diferentemente do conceito de irmandade trazido no feminismo, percebe-se, nos últimos anos, um avanço de ideias mais amplas e ideologicamente políticas de união, não excludentes de outros grupos. Como já dito, uma das variadas demonstrações de relevância do movimento feminista é o auxílio na sedimentação das bases para a consumação das redes de solidariedade, construídas, no mínimo, sobre o gênero, a raça/etnia e a classe.

Os efeitos dessas redes, na contemporaneidade, são as produções literárias escritas em conjunto, as quais estabelecem um projeto artístico de resistência e reivindicação do direito à fala. Para citar um exemplo, é publicado em 2017, pela Invisíveis Produções, a *Antologia*



*Trans.* Lançada durante o TRANSarau, realizado no mês de março de 2017, na cidade de São Paulo, a obra contempla trinta poetas e poetisas travestis, transexuais e não-binári@s, apresentando quarenta e quatro textos, produzidos durante as oficinas de poesia do Cursinho Popular Transformação. Além disso, conta-se com outr@s 17 artistas convidad@s.

Com textos de Amara Moira, Linn da Quebrada, Luan Bressanini, Teodoro Albuquerque, Dodi Leal e muit@s outr@s, a antologia versa sobre a possibilidade de transformação das experiências de corpos atravessando as normas de gênero em matéria poética. Nesse sentido, a construção desses textos, escritos de “mãos dadas”, revigora a proposta de buscar um meio de existir pela linguagem, tomando a escrita como liberdade, como produção de um espaço habitável.

Essas publicações se revelam enquanto ações efetivas de como sair dos binarismos e se abrir para um sentido de união mais amplo, envolvendo considerar as interseccionalidades entre as hierarquias, indissociadas umas das outras. É importante lembrar que, assim como há um forte movimento feminista a partir da década de 1960, coexistiu um movimento de igual proporção reivindicando os direitos sociais dos negros, dos grupos LGBTQI+ – sem mencionar os indígenas, os asiáticos, entre outros –, além do fim da discriminação sexual e étnico-racial. A inovação presente nas redes é justamente ter como princípio norteador o lema “Ninguém solta a mão de ninguém”:



FIGURA 1 – Desenho representativo das Redes de Solidariedade.

Fonte: Thereza Nardelli – Arquivo pessoal (2018).

A ilustração/frase viralizou nas redes sociais brasileiras após as eleições de 2018, momento em que surgem grandes incertezas sobre o futuro em termos de direitos dos grupos minoritários (mulheres, LGBTQI+s, índios, negros). A partir da manifestação contundente e

assunção do poder por indivíduos de extrema-direita, há também o início de um movimento de rede de solidariedade nacional, no qual se propõe a união das minorias, a fim de almejar a garantia do respeito, da dignidade, dos direitos sociais e, em alguns casos, da existência. Esse movimento social respinga em outras áreas e floresce na literatura contemporânea.

Dessa maneira, para haver o enfrentamento das crescentes forças hegemônicas, pode-se buscar construir um movimento mais amplo, fundamentado na união de indivíduos. Retornando ao pensamento de Williams e Chau, as pesquisadoras compreendem que

A transformação social não pode ser construída por um grupo de pessoas que foram agrupadas por acidente de nascimento e pela coincidência da marginalização. Precisamos nos unir pelo propósito. Precisamos parar de procurar irmãs e começar a procurar colaboradoras. Essas seriam pessoas que compartilham de nossa visão política e estão dispostas a participarem em ações políticas coletivas. Privilegiar o comprometimento político ao invés da equivalência identitária abre novas possibilidades. Podemos ter colaboradoras em lugares que eram anteriormente considerados fora dos limites por dicotomias que reforçavam o status de membro/estrangeiro e hierarquias empoderadas/ desempoderadas (WILLIAMS; CHAU, 2007, p. 293 – tradução nossa)<sup>7</sup>.

As ações políticas de um determinado grupo subalterno podem estar em conjunto com as de outros, tendo em vista a indissociabilidade das heterarquias. Assim, como revela Grosfoguel,

[...] a acumulação incessante de capital esteve sempre enredada com ideologias racistas, homofóbicas e sexistas. A expansão colonial foi conduzida por homens europeus heterossexuais. Aonde quer que chegassem, traziam consigo os seus preconceitos culturais e formavam estruturas heterárquicas de desigualdade sexual, de gênero, de classe e raciais (GROSFOGUEL, 2008, p. 134).

Ao atentar-nos, então, ao contexto americano e nacional, as influências do colonizador e as estruturas coloniais ainda estão presentes, seja por meio do racismo, do machismo, da LGBTQI+fobia. Logo, pensar a questão de gênero e raça desvinculada de outras reivindicações subalternas significa considerar os eixos hierárquicos divididos e setorizados, significa cair em essencialismos. Portanto, na contemporaneidade, redes de solidariedade se fazem ímpar para evitar dualismos e fortalecer grupos subalternizados.

SILISTINO DE SOUZA, D.; NIGRO, C. M. C.; DE MORAIS, F. L.; BENFATTI, F. A. R.; PASSOS, L.; SOARES, L. H. Networks of Solidarity and Intersectionalities in Literature and Gender. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 12, n. 1, p. 209-220, 2020. ISSN 2177-3807.

---

<sup>7</sup> No original: "Social change cannot be engineered by a group of people who have been thrown together by accidents of birth and the coincidence of marginalization. We must be united by purpose. We need to stop looking for sisters and start looking for collaborators. These would be people who share our political vision and are willing to participate in collective political action. Privileging political commitment over identity equivalence opens up new possibilities. We could have collaborators in places that were previously placed off-limits by dichotomies that reinforced insider/outsider status and empowered/disempowered hierarchies".

## Referências

- BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CHARLES, D. Kaleidoscope. In: SAINT, A. (Ed.). *Here to Dare: 10 Gay Black Poets*. New York: Galiens Press, 1992. p. 140.
- CRENSHAW, K. W. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. In: CRENSHAW, K. et al. (Ed.). *Critical Race Theory: The Key Writings That Formed the Movement*. New York: New Press, 1995. p. 357–383.
- DAVIS, A. A lição de Angela Davis. Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo. *Carta Capital*. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/963/a-licao-de-angela-davis>. Acesso em: 24 jul. 2018.
- FUNCK, S. B. *Crítica literária feminista: uma trajetória*. Florianópolis: Insular, 2016.
- GROSGUÉL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, s/v., n. 80, p. 115–147, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 24 jul. 2018.
- HARRISON, M. *Reading the Marriage Plot*. *Journal of Family Theory and Review*, Greensboro, s/v., n. 6, p. 112–131, mar. 2014.
- HOLLANDA, H. B. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 06–19. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jftr.12023>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- NARDELLI, T. Ninguém solta a mão de ninguém. 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoT6Fxlj7Qe/>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- NIGRO, C. M. C. Vamos falar de Gênero!. In: JESUS, D. M.; CARBONIERI D; NIGRO, C. M. C. (Org.). *Estudos sobre gênero: identidades, discurso e educação. Homenagem a João W. Nery*. Campinas: Pontes, 2017. p. 121-133.
- WARREN, P. N. *The Front Runner*. California: Wildcat Press, 1996.

WILCHINS, R. *Queer theory, gender theory: an instant primer*. Los Angeles: Alyson Books, 2004.

WILLIAMS, C.; CHAU, S. Notes on Feminism, Racism and Sisterhood. In: MASSAQUOI, N.;

WANE, N. N. (Ed.). *Theorizing Empowerment: Canadian Perspectives on Black Feminist Thought*. Toronto: Inanna Publications, 2007. p. 285–295.

WITTIG, M. One is not born a woman. In: ABELOVE, H. (Org.). *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993. p. 103–109.

Recebido em: 27 mar. 2020

Aceito em: 25 abr. 2020